

O Poder Estético das Cidades ¹

Bismarck LIMA²

Maria Ataíde MALCHER³

Universidade Federal do Pará, Belém-PA

RESUMO

Este trabalho propõe discutir a estética como mais um integrante dos processos comunicacionais a partir de autores como Garcia Canclini, Medeiros e Pimentel, Valverde, Gumbrecht, Duarte. O alvo das discussões será a experiência estética dentro da cidade de Belém e como essa cidade influencia na formação dessas experiências, e fazendo uma abordagem sensível de diversos aspectos locais. Também apresento a importância das experiências estéticas no cotidiano e como boas experiências nos fazem bem.

PALAVRAS-CHAVE: Estética; Experiência estética; Cidade; Belém.

INTRODUÇÃO

Ao começar os estudos de estética da comunicação, pude perceber que, para entender diversos processos estéticos constituintes dos indivíduos, era necessário entender o meu mundo estético. Por isso escolhi um tema que me causava uma reflexão estética e me envolvia diretamente. Imaginar o que acontece não é suficiente, entender como os processos funcionam é importante para compreender mais um pouco da extensa realidade comunicacional.

Os lugares são capazes de nos fazer sentir bem, marcar nossas vidas. A cidade de Belém foi uma surpresa para mim, cheguei à cidade ainda jovem, vindo do Rio de Janeiro, onde nasci. A mudança foi marcante e inesperada. Chegar àquela cidade me trouxe inquietações que ainda estão longe de serem respondidas. Questionamentos são sempre bons porque nos fazem procurar por respostas. A essa cidade não agradeço só pelas inquietações e respostas, mas também pelas experiências que ela me proporciona.

Ainda sou grato pelos exercícios que a mudança para Belém me proporcionou e, depois, por olhar para a cidade após ter estudado sobre Estética da Comunicação. Com o artigo, pretendo projetar um olhar acadêmico sobre meu contato com essa cidade, a fim de

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação do 5º semestre do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da UFPA, email: bismarckoliveiralima@gmail.com

³ Orientadora do Trabalho. Professora Doutora Maria Ataíde Malcher, email: disciplinasgraduacao@gmail.com

perceber as possíveis experiências estéticas na relação entre sujeito e cidade, usando esse exercício para auxiliar as pessoas a enxergarem melhor o ecossistema em que vivem. Experiências são importantes, pois podem nos levar a outro lugar físico ou de pensamentos, como uma rede, em que linhas vão se interligando, ponto a ponto, até chegar ao produto final. Isso nos mostra a importância das pequenas crises (GUMBRECHT, 2006) para encaminhar as discussões nesse trabalho.

CONHECENDO A CIDADE

Belém é a capital do estado do Pará, estado que se localiza na região Norte do país, sendo uma das maiores metrópoles da região e do Brasil. Lugar cercado por densa floresta e de grande população⁴ comparada a outras cidades da região, com configuração climática quente e úmida, típico do clima tropical da região⁵. Assim, começamos a mapear algumas características físicas da cidade, que agem com direta interferência nas diversas percepções que podemos ter ao entrar em contato com ela. As cidades são diversas e bem heterogêneas – principalmente se tratando de América Latina – as possibilidades de proporcionar experiências nesses locais são inúmeras, porém cada um reage de forma diferente a elas. Nesse trabalho vamos desenvolver uma perspectiva estética para olhar a cidade e também aguçar nossos sentidos para exercitar nossa visão a partir de um ponto de vista estético.

Na capital paraense, muitas questões chamam atenção de quem chega, como eu cheguei. Um olhar também curioso e muitas vezes de não entendimento do que acontece, essas novidades trazem um olhar sinuoso para questões estéticas. As relações culturais são diversas e conflitantes quanto colocadas diante de uma realidade diferente. No meu caso, sair de uma realidade carioca para chegar a Belém e perceber outras lógicas culturais que, até o momento, eu não havia presenciado. Tensionamentos entre culturas diferentes deixam mais claro o porquê das práticas culturais, é como se houvesse uma compreensão recíproca de ambos os lados, mas é claro que existem exceções, percebemos pessoas com aversão e/ou hostilidades a outras culturas. Isso faz parte do processo de hibridação cultural como já afirmava (GARCIA CANCLINI, 2003).

Essa hibridação cultural ganha forma desde as características de colonização na América Latina, região que foi colonizada por europeus, povo com culturas completamente diferentes dos que aqui habitavam antes da sua chegada. A pressão do colonizador com o colonizado gera uma nova característica social do local, principalmente, pela ação de

⁴ Disponível em <http://migre.me/qIFSd>

⁵ Disponível em <http://pt.climate-data.org/location/4299/>

autoridade e imposição dos colonizadores na região. Além dos colonizadores tivemos a imigração forçada dos negros, que foram trazidos como escravos pelos europeus para algumas cidades do Pará, o que torna ainda mais complexo o processo de hibridação e isso traz reflexos até a contemporaneidade, vivemos num contexto de clara hibridação cultural. Garcia Canclini traz o conceito dentro do sentido literal das palavras, essa hibridação é a reunião de culturas e como elas se integram gerando novas formas de atividades culturais através de seus tensionamentos, como é o caso ora analisado. Garcia Canclini também aponta a hibridação como a persistência de temporalidades diferentes em uma mesma cultura. Atualmente podemos perceber uma facilidade dos latino-americanos de interagirem com os choques entre culturas, uma característica que se formou desde o processo de colonização.

Essas formas de apropriações de novas estruturas culturais nos permite a percebê-las, nem sempre de forma clara, na maioria das vezes passa aos nossos olhos de forma despercebida, mas gera identificação com o produto final dessas apropriações. Essa identificação é pessoal, podemos optar pelo que nos agrada e criamos a capacidade de relação com o meio em que vivemos. Devemos considerar as diversas opções de contato cultural, às vezes não escolhemos nossas preferências racionalmente ou mesmo escolhemos de fato a cultura ou de assumir uma prática cultural, porém nos aproximamos daquilo que nos agrada e afastamos do que nos dá repulsa. Isso remete ao conceito kantiano de belo, aquilo que nos agrada sem a necessidade de construção de um conceito e nos comunica universalmente, não precisando de motivo prévio para agradar, mas agradando só pela sua forma (VALVERDE, 2007a).

Somos criados dentro de um contexto social, assim o belo sempre tem relação com essa rede de costumes em que estamos imersos no dia a dia, mas não necessariamente tem um significado universal para todos, é de satisfação pessoal, sendo cada um capaz de montar um conglomerado de significados para cada situação em que vivem.

Essa associação com o que nos agrada ou nos repele de forma densa proporciona possíveis situações marcantes, por um momento ou até por toda vida, é uma sensação que nos toma de forma arrebatadora. Elas estão relacionadas ao sentimental do ser, medo, horror, satisfação, angústia, prazer, dor etc. podem ser manifestados a partir de alguma experiência do cotidiano. Então, chegamos ao sublime, momento em que nos fixamos em algo e temos percepções que vão além da razão e nos fazem desligar do mundo, estando assim totalmente ligado ao fato que nos prende, (VALVERDE, 2007a) cita um “prazer

assombroso” ao tratar desse assunto. A vida do ser humano traz momentos de relação com o sentimental, uns desses momentos podem ser tão intensos que nos levam ao ápice das emoções e são caracterizados como sublimes.

A CIDADE COMO FATOR DE PEQUENAS CRISES

As cidades são uma excelente maneira de demonstrar como algumas experiências estéticas e até mesmo o seu auge, o sublime, podem estar próximas e não percebemos. Muitas vezes as cidades são construídas para conquistar admiradores e proporcionar momentos agradáveis, que podem gerar essas experiências (FERRARA, 2008), porém têm seus aspectos individuais que fogem do planejamento prévio para agradar e começa formar sentido na mente de cada um e é esse aspecto que mais nos interessa nesse trabalho.

Escolhi a cidade de Belém para citar algumas experiências que prenderam minha atenção quando cheguei a este local. Pelas ruas da cidade é possível notar alguns aspectos que me fizeram escrever sobre o assunto, alguns a princípio nem tão claros como experiência estética e tão pouco que afetava a relação com outros temas.

A cidade das mangueiras traz crises para quem começa a conhecê-la tendo como base um olhar de outro lugar, uma realidade cultural, geográfica, climática, social diferente e nos faz observar coisas com mais profundidade. São pequenas crises que, para (GUMBRECHT, 2006), são individuais e qualquer conteúdo pode gerar o estado de crise no ser.

“(…) afirmo que ‘a experiência estética nos mundos cotidianos’, apesar de apontar para um novo estado universal do mundo, sempre será uma exceção que, de maneira totalmente natural e de acordo com cada situação individual, desperta em nós o desejo de detectar as condições (excepcionais) que a tornaram possível.” (GUMBRECHT, 2006, p.51).

Desse modo, interrompemos o fluxo de informações normal que o ambiente passa para nós e começamos a detectar as tais excepcionalidades, esses momentos são denominados por ele de pequenas crises da experiência estética. Essas “pequenas” crises podem se tornar grandes crises, porque nos desencadeiam várias situações e reverberam. O poder de uma crise pode ser inimaginável, quando saímos de nossas atividades normais (rotina) podemos buscar essas experiências que geram novas possibilidades e por si gera outras e podem se transformar inúmeros caminhos estéticos.

Posso perceber que a capital do Pará gerou em mim diversas dessas pequenas crises, tão diversas que só pude perceber algumas ao estudar sobre este assunto e outras que fazem instantaneamente transbordar a mente de diversos sentimentos que não podem ser compreendidos de forma racional. Ao relatar algumas dessas pequenas crises, busco mostrar como coisas naturais de qualquer cidade e qualquer meio são potenciais aparatos para uma experiência estética.



Figura 1 Fonte: SESMAS – Disponível em: [<http://migre.me/qGtjg>]. Acesso em 10/07/2015

Belém traz a crise nas mangueiras, na chuva (FIGURA 1), na forma que o tempo flui. Traz crises também nos horizontes verdes que são formados pelas enormes árvores ao redor da cidade, uma imensidão que é cortada pelos largos rios de água turva que contrasta com a cor da floresta e do céu, rios que se perdem no horizonte de tanta grandeza, ainda nos deixa em crises por ser uma metrópole que se localiza geograficamente no meio de tanta natureza, envolta por rios e florestas (FIGURA 2), porque até a chuva pode ser uma divisão física e temporal aqui, onde predomina o clima quente e úmido que nos deixa em aparente exaustão, exaustão também seria de experiências estéticas. Belém que levanta enormes prédios ao lado de casas simples de madeira, bem no limite que não existe entre periferia e o centro, esses espaços nessa cidade às vezes são um só, uma periferia central, ou até o centro na periferia? Belém traz crises nos diversos e diferentes gostos onde paramos para pensar no que enxergamos dentro de um mundo, de um país, uma cidade, um bairro ou até mesmo de um único lugar rico de culturas onde só precisamos olhar de forma diferente pra poder perceber tais complexidades.

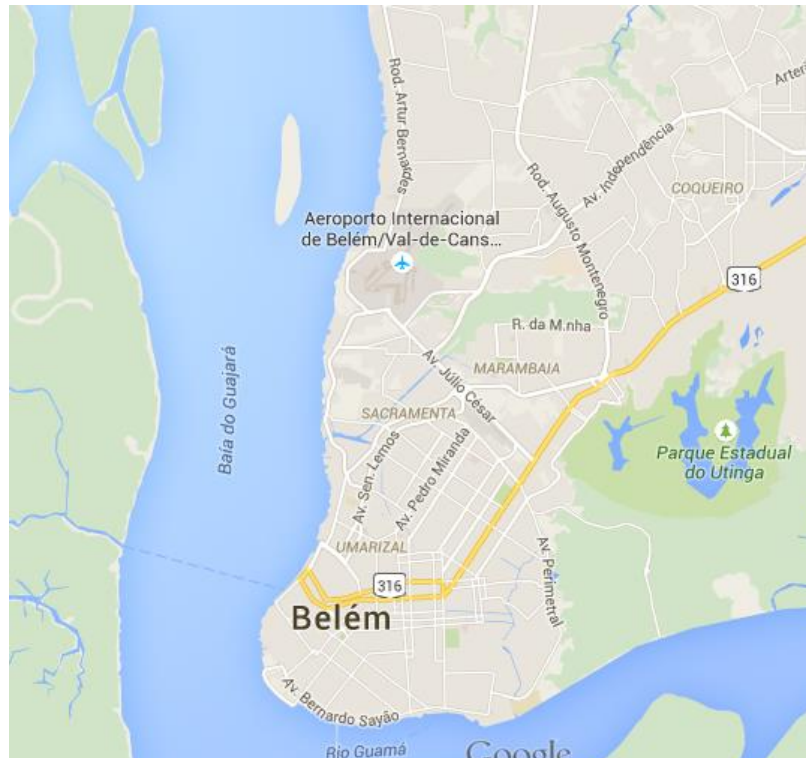


Figura 2 Região central da cidade de Belém - Fonte: Google Maps

Em todas as situações expostas há um incômodo sensitivo e uma inquietação momentânea, as crises acabam gerando experiências estéticas de intensidades diferentes. Não existe receita para a experiência, mas certos lugares podem nos proporcionar com maior frequência. No meu caso tive uma crise com uma cidade, mas poderia ser com um ecossistema maior ou menor. Como Cardoso Filho (2011, p.5) expõe“(...) a experiência estética pode não estar relacionada ao sentido conceitual determinado”, um campo de intersubjetividade onde somem conceitos exatos e se fala do incerto.

O momento da experiência estética não pode ser realizado sem a presença dos sentidos, é com eles que percebemos os elementos externos e assimilamos de forma diferenciada esses instantes. Perceber o que está a volta do mundo em que estamos inseridos nem sempre é uma questão fácil, mas para maior captação de experiências estéticas aguçar os sentidos se torna importante. Certamente, que atribuímos cargas emocionais para o que vemos e nos geram um processo de êxtase.

ECOSSISTEMAS ESTÉTICOS

Vivemos em uma sociedade complexa e em constante movimento. Entender como ela funciona e para onde ela vai ajuda a enxergar melhor nossos ecossistemas. Um ecossistema é formado por sistemas que se relacionam de modo que a retirada ou acréscimo de um sistema afeta todo o conjunto, como afirmam Medeiros e Pimentel:

“Ecosistemas são produtos de uma longa, lenta, laboriosa e delicada maturação que nunca está finalizada. Ecosistemas estéticos podem ser pensados como processos; dinâmicas; mobilidades; equilíbrios precários; organicidades tênues; inteligências em constante estado de adaptabilidade; conluios do aleatório com o intencional; demo/grafias artístico-estéticas; ecoestéticas.” (MEDEIROS e PIMENTEL, 2013, p.9).

Ao usar essa definição de ecossistema estético, entendo que tudo aquilo que está permeado na vida social interfere em nosso ecossistema geral, mas existem partes menores desse todo e que influenciam em nosso cotidiano. O ecossistema Belém chama atenção pelo seu clima, acaba gerando uma sensação de calor constante, principalmente para aqueles que não são habituados, mas é possível perceber que muitos belenenses adoram essa condição e isso pode acarretar experiências estéticas agradáveis para alguns e outras nem tanto.

Ao mapear esse ecossistema, percebemos que ele influencia diretamente em diversos sistemas, tendo consequências no resultado estético do dia-a-dia de várias pessoas. Por conta da cidade ter essa característica climática isso se reflete nas roupas mais leves, na relação de humor entre as pessoas, na sensação de exaustão e fadiga, interfere nos horários de saída para evitar o horário mais quente, aumenta o valor simbólico das chuvas por amenizar a temperatura e influenciando nas percepções estéticas. Sendo a experiência singular para cada um, os elementos citados e outros não citados são constituintes do processo estético e se houvesse uma quebra nessa cadeia, o ecossistema estético se modificaria e as experiências produzidas por esse meio não seriam mais da mesma forma.

Belém é conhecida como Cidade das Mangueiras (FIGURA 3) porque nas suas principais ruas (no centro da cidade) elas formam um grande corredor, dividindo seu espaço com a modernidade dos condomínios luxuosos e a tradição de prédios históricos. As mangueiras podem se tornar um elemento estético da cidade, tanto pela sua imponência ou pela sensação de frescor causada por elas a quem passa nas ruas. Em mim causou uma experiência estética pela sua grandiosidade e como dividem os espaços do perímetro urbano da cidade. Ao parar debaixo dessas suntuosas árvores, pude perceber como elas são importantes para cidade e, naquele momento, para mim. Pude perceber que por elas já haviam passado tantas pessoas, tantos eventos, tantos fatos que, com certeza, os olhos do ser humano não poderiam captar na sua totalidade. A sensação de afeto por elas e de querer saber o que cada uma presenciou naquele lugar era arrebatadora, a sensação de alívio do

calor que vinha junto era agradável e pude perceber o quão jovem e inexperiente era ao redor de tantas possibilidades.



Figura 3 Fonte: Blog Jorge Bente – Disponível em: [<http://migre.me/qGsXh>]. Acesso em 11/07/2015

O alvoroço causado em mim por aquele ecossistema saía da racionalidade e transbordava emoção. As mangueiras em si não viram, não sabiam o que tinha acontecido durante as décadas que estavam ali, mas mesmo assim era um sentimento de possibilidades e de agrado proporcionado pelo lugar.

Ao pensarmos no que nos agrada esteticamente, muitas vezes fugimos da racionalidade humana, o que é taxado por muitos como desvirtuosidade na conjuntura que vivemos. Essa fuga da lógica pode trazer novas possibilidades, momentos de virtuosidade pessoal e para com os outros. Duarte (2010) chama de desrazões, elas podem sempre nos acompanhar, gerando muitas vezes momentos bons para que possamos fugir do peso da realidade e nos satisfazermos.

“A desrazão proporciona a vivência de princípios reorganizadores através de instantes caóticos que impõem a dissipação de fronteiras cognitivas, dos espaços do pensamento conhecido, de marcas viciadas, permitindo uma profunda experiência criativa que aqui podemos compará-la com a experiência estética.” (DUARTE, 2010, p.5)

A cidade de Belém dá a possibilidade de reorganizarmos nossas vidas com frequência em instantes de conflito e através dessas reorganizações podemos nos aproximar das experiências. Há um rompimento do espaço racional do ser, logo, temos o rompimento

físico de algumas barreiras, como uma parada para observar os rios que banham a cidade enquanto deveríamos estar trabalhando, estudando ou fazendo algo que de um retorno material e não apenas fique na dimensão sentimental do ser. Esses instantes podem ser condutores para experiências estéticas e ideias para o cotidiano, a vivência de desrazões podem acarretar soluções para problemas de diversas vertentes que não conseguimos resolver apenas de forma racional.

A CIDADE CONSTRUÍDA PARA AGRADAR E A CIDADE QUE AGRADA NATURALMENTE

O poder de gerar experiência estética em um ser pode ser direcionado por uma construção na cidade. Como vivemos em sociedade e estamos em frequentes trocas de hábitos e consumindo produtos semelhantes ou até mesmo iguais, é possível esse direcionamento para uma experiência. É claro que é uma sensação única e individual de cada um, podendo assim variar e não ter um produto final determinado, mas vivemos em um novo tempo onde “(...) somos convocados a viver experiências plenas de prazer e deleite sensorial, cheias de estilo e emoção.” como afirma Mendonça (2015).

No contexto contemporâneo, está se valorizando as formas sensíveis do ser a ponto de estarmos mais propícios a visualizar questões estéticas do cotidiano. Com isso, existe uma aparente estetização de diversas áreas. Mendonça (2015) ainda completa dizendo que esse novo parâmetro influencia na atividade econômica das cidades, reorganizando seus espaços, sendo assim, a experiência estética vira um produto e é oferecido aos habitantes ou visitante do lugar.

A cidade pode ser montada a partir de elementos da sociedade para que haja manifestações de experiências, o que Lipovetski e Serroy (2013) classificam como capitalismo artista, isso aumenta a importância da sensibilidade de mercadorias e sistemas, aumentando assim o afeto no consumo.

Essa forma de capitalismo influencia até nas experiências estéticas? Esse aumento no estilo de vida que propaga a valorização das experiências estéticas faz com que haja uma padronização das sensações? É possível a experiência estética virar algo consumível e vendido? Esses são questionamentos a se pensar para falarmos até que ponto vai o sensível e qual a barreira até se transformar em consumo.

Mesmo com tantos questionamentos as experiências que vivi na cidade de Belém, sendo em locais construídos pelo homem, como o complexo turístico da Estação das

Docas⁶, não foram induzidas pelo capitalismo artista e sim pelas dinâmicas naturais da cidade. Entretanto, as construções da cidade são sistemas desse local. Essas interações entre o natural, não planejado, (as chuvas, as mangueiras, os rios, o clima) e planejado (os prédios, casarões históricos, os pontos turísticos) causam diálogos entre sistemas e formulam o ecossistema da cidade.

Não vejo a cidade de Belém construída num plano do capitalismo, mas é claro que sua construção influencia nos aspectos estéticos de quem passa por ela. Os belenenses carregam uma afeição com a cidade muito forte, existe uma valorização das pessoas com o lugar, um orgulho natural e de nascença por serem daqui, na maioria dos casos. A forma induzida que gera algumas experiências é de longe a forma mais frequente e, com certeza, a menos intensa, ao mesmo tempo para algum indivíduo essa pode ser a forma estética de alcançar algo de maneira sublime. Volto a afirmar que há subjetivação nos gostos e isso permeia o assunto até quando ele parece estar padronizado.

A experiência pode vir desde as curvas feitas pelos rios que circundam a cidade até a estética da arquitetura do tempo da Belle Époque, mostrando que o sensível pode estar em diferentes formas, utilizando-se da natureza, como é o exemplo da sinuosidade dos rios amazônicos e também nas formas que o homem constrói na cidade. A riqueza dessas formas podem nos trazer olhares atentos a elas e proporcionar momentos únicos de realização estética.

CONCLUSÃO

Após mapear os aspectos estéticos da cidade, posso entender que as configurações de um local não são apenas físicas, mas sim sensíveis também. A afetividade é um recurso para gerar maior envolvimento no processo estético, um exemplo disso foi o sentimento de repulsa quando eu cheguei a Belém, simplesmente, por ser um local desconhecido, mas a partir do instante que fui me entregando à cidade pude captar diversas experiências estéticas.

O fato é que gradualmente a estética ganha importância para a satisfação pessoal e a partir disso percebemos com mais importância a estética como processo de comunicação. Para quem trabalha com comunicação é necessário perceber que ela é um processo que depende de diversas questões para ser contemplada, por isso a experiência estética é tão

⁶ Acesso a mais informações em <http://www.estacaodasdocas.com.br/>

importante nesse processo. Não é necessário só o entendimento da estética, mas sim de diversos processos, um caminhar laborioso que é depende de muitas situações.

A estética da comunicação é um movimento que transcende as dimensões racionais do ser, porém deve ser equilibrada com o raciocínio lógico, que é natural dos humanos, para que exista harmonia nesses aspectos. É uma dimensão que devemos dominar para alcançar uma completa satisfação. A história moderna nos mostra que nunca houve um momento tão propício para trabalhar nossas percepções sensíveis. Então, viver num mundo onde valores emocionais ganham importância e compreendê-los nos fazem ser profissionais da comunicação e indivíduos mais completos.

REFERENCIAS

CARDOSO FILHO, Jorge. Situação, mediações e materialidades: dimensões da experiência estética. **Anais do XX Encontro da Compós**. Rio Grande do Sul, 2011.

DUARTE, Eduardo. A vertigem, as desrazões e a modelagem do tempo como fenômenos naturais à construção do conhecimento: Por uma epistemologia da experiência estética. **Anais do XIX Encontro da Compós**. Rio de Janeiro, 2010.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. As mediações da Paisagem. **Líbero**, v. 15, num.29. São Paulo, 2012. p.43-50.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Cidade: meio, mídia, mediação. **Matrizes**, Vol.1, num.2. São Paulo, 2008. p.39-53.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Pequenas crises: experiência estética nos mundos cotidianos. In: **Comunicação e experiência estética**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MEDEIROS, Afonso; PIMENTEL, Lúcia. Ecossistemas Estéticos. **Anais do 22º Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas: Ecossistemas Estéticos**. Belém: PPGArtes/ ICA/ UFPA, 2013, v.1, p. 7-13.

MENDONÇA, Carlos Magno Camargos. Guerrilhas do Sensível: estetização e contra-estetização do mundo. **Anais do XXIV Encontro da Compós**. Brasília, 2015.

VALVERDE, Monclar. Comunicação e experiência estética. **Anais do XVII Encontro Anual da Compós**. São Paulo: UNIP / Compós, 2008.

VALVERDE, Monclar. Gosto e comunicação: O papel da reflexão estética na teoria da comunicação. **Anais do XVI Encontro da COMPOS**, junho, 2007a, Curitiba.